

## ATENÇÃO SOCIOAFETIVA E ATENÇÃO SOCIAL<sup>1</sup>

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

### Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento Campinas – SP

É comum argumentar, e até demonstrar cientificamente, que a atenção mantém e amplia repertório de comportamentos indesejados. A atenção, inclusive, tem função de reforço (generalizado, condicionado) positivo, quer seja expressa de uma forma acolhedora (sorrisos, elogios, toques físicos, aprovação, olhares, acenos de cabeça etc.), quer seja apresentada de forma recriminatória (repreensões verbais, reprovações, críticas, beliscões, toques bruscos, safanões, gritos, palavrões etc.).

Em seu trabalho clínico, o terapeuta encontra muitos exemplos de situações como as alinhavadas no parágrafo acima e, às vezes, é desafiado por algumas questões – como as duas que se seguem – por pessoas pouco familiarizadas com os conceitos e procedimentos comportamentais:

1. Se o comportamento indesejado produz atenção, por que ele não se enfraquece por saciação (da atenção que produz)?
2. Se a pessoa está carente de atenção, por que, ao recebê-la, a pessoa não passa a se sentir bem – afinal, conseguiu aquilo de que está privada – e a se relacionar de forma harmoniosa com seu ambiente socioafetivo?

Em primeiro lugar, atenção não é um reforço primário, como água, comida, sexo, calor etc., mas um reforço condicionado (aprendido, portanto) generalizado positivo. Atenção não é um comportamento único, mas uma classe ampla de comportamentos, tendo todos eles a função de reforço positivo, adquirida de maneira particular para cada indivíduo, a partir da história de contingências de reforçamento a que ele foi exposto. O termo “generalizado” informa que a função reforçadora da atenção foi adquirida por associação com inúmeros outros reforços e, como tal, sua função reforçadora não depende de nenhuma privação específica e individual. A pessoa, pode-se dizer, sempre estará privada de alguma classe de reforços e o reforço generalizado tem, portanto, garantida sua função durante todo o tempo. Um exemplo didático de tal reforço é o dinheiro: ele adquire a função de instrumento que permite acesso a um sem número de itens que têm função reforçadora para as pessoas. É raro encontrar alguém que se sinta saciado com o dinheiro que tem! Concluo, então, que as pessoas não se saciam quando produzem reforço positivo generalizado.

Em segundo lugar, a atenção é disponibilizada em diferentes esquemas de reforçamento intermitentes (razão e intervalo variáveis, na maioria das situações), o que produz maior resistência à extinção e maior tolerância à frustração. O poder de esquemas intermitentes, de manter os comportamentos que produzem determinada

---

<sup>1</sup> Maio/2013, revisto em maio/2017.

consequência, em parte explica a manutenção dos padrões comportamentais, insensíveis à saciação (em particular quando a consequência não tem a propriedade de saciar...).

Um terceiro argumento nos dirige a uma avaliação do repertório comportamental mais amplo da pessoa. Em outras palavras, um indivíduo pode obter atenção emitindo comportamentos indesejados porque são esses comportamentos exatamente os que produzem atenção e, como tal, são os selecionados naquele determinado contexto social (o outro que libera a atenção é mais sensível a contingências aversivas; nota e reage a comportamentos que lhe são aversivos - se comporta por reforçamento negativo - e coloca em extinção comportamentos que não lhe são aversivos). Se o indivíduo tem repertório comportamental restrito, basicamente comportamentos indesejados que produzem atenção negativa, então sua possibilidade de se comportar se restringe às classes comportamentais indesejadas. Se, por outro lado, a pessoa tem repertório comportamental desejado, as possibilidades de apresentar variabilidade e substituir comportamento indesejado por desejado e, desta forma, produzir atenção, são imensas. Ou seja, as interações interpessoais podem se enriquecer (desde que o ambiente responda sob controle da emissão de comportamentos desejados) e se caracterizar por uma ampla gama de variabilidade comportamental em que se mesclam comportamentos desejados e indesejados, com predominância - deseja-se que assim seja - de padrões comportamentais desejados naquele dado grupo social. Em suma, quando a pessoa tem, em seu repertório comportamental, as duas classes de respostas, desejadas e indesejadas, a atenção pode vir a privilegiar a ocorrência de comportamentos desejados. Alguém poderá perguntar: mesmo quando *inicialmente* a atenção é dada contingente a comportamento indesejado? A resposta é sim, embora possa parecer, à primeira vista, um efeito paradoxal. A atenção, neste caso, pode adquirir a função de  $S^D$ , ou seja, ocasião em que, caso as respostas adequadas sejam emitidas, então serão conseqüenciadas por atenção. Pode, adicionalmente, produzir um estado corporal de bem-estar, que assume a função de operação motivacional, a qual aumenta a probabilidade de emissão da classe de comportamentos desejados. Finalmente, a atenção pode gerar, naquele que se comporta "mal", sentimentos de culpa em relação ao outro que libera o reforço generalizado, e esta contingência de reforçamento complexa evoca comportamento de fuga-esquiva, qual seja, respostas desejadas.

Em quarto lugar, gostaria de fazer uma distinção entre atenção com amor (atenção socioafetiva) e atenção sem amor (atenção social). Os termos entre parênteses são arbitrários e são propostos com a finalidade de destacar que a atenção presente numa interação social pode ser desprovida de afeto. Quando determinado comportamento (mesmo aquele denominado indesejado) produz atenção socioafetiva, ocorrem dois fenômenos comportamentais produzidos pelo reforço positivo generalizado carregado de afeto: fortalecimento do comportamento que o produz e sentimentos de bem-estar, de tranquilidade, de satisfação, de felicidade etc. A pessoa inundada por tais sentimentos relaxa e diminui (ainda que temporariamente)

a emissão de comportamentos que poderiam ser rotulados de agitação, de atividade (ou hiperatividade). A pessoa poderia dizer que se “sente em paz”. Ao mesmo tempo, aumenta a probabilidade de emissão de comportamentos desejados, que se expressam na forma de quietude (menor agitação), cooperação, delicadeza etc. Disto tudo resulta – num ambiente social diferencialmente sensível às duas diferentes classes comportamentais – uma maior probabilidade de reforçamento de comportamentos desejados (e, concomitantemente, extinção de comportamentos indesejados), os quais, se forem fortalecidos, resultarão em enfraquecimento na emissão dos indesejados, por incompatibilidade funcional.

O mesmo não acontece quando a atenção é apenas social. Ocorre fortalecimento da classe de comportamentos que a produz, mas os sentimentos gerados são de alívio, não de bem-estar, não de satisfação, não de tranquilidade... Como tal, comportamentos da classe dos indesejados continuam sendo emitidos, aumenta a variabilidade comportamental dentro desta classe de respostas (ocorrem agitação e hiperatividade) e os sentimentos de alívio são alternados com sentimento de ansiedade, insegurança, além de a carência afetiva não se esvaír. A atenção social não supre o afeto! Há menor probabilidade de emissão de comportamentos desejados, mesmo que façam parte do repertório da pessoa (o ambiente não disponibiliza S<sup>D</sup>s que os evoquem) e surgem padrões de comportamento de antagonismo, rebeldia etc. Uma metáfora facilitará a compreensão do exposto. O reforço generalizado positivo exclusivamente social equivale ao uso de um adoçante dietético. Adoça, mas não alimenta. A atenção socioafetiva é como o açúcar: adoça e nutre.

Como se pode discriminar entre atenção sócioafetiva e atenção social, uma vez que elas podem se expressar com fenótipos semelhantes? Há duas considerações conceituais que servem como referência para distingui-las. Assim, em primeiro lugar pela função que tem sobre aquele que recebe a atenção: a socioafetiva fortalece classes de respostas que a produzem, mas adicionalmente evocam – eliciam sentimentos de bem-estar, de satisfação, de conforto, de alívio. Ela estabelece e fortalece estados corporais de bem estar e, ao mesmo tempo, altera estados corporais aversivos. A pessoa poderia se expressar com frases tais como: “Estava tenso... preocupado... cansado... e sua chegada me trouxe ânimo... mais encorajamento... alívio... bem estar...”; “Quando você está ao meu lado, sinto-me protegido, acolhido, espontâneo, livre...”; “A maneira como você me acolhe, me estimula... torna-me produtivo... mais criativo... mais focado naquilo que precisa fazer...” etc. Por outro lado, a atenção é comportamento que compõem uma classe muito abrangente de respostas, a qual inclui componentes reforçadores positivos e negativos. Assim, sendo, quais reforçadores prevalecem? Considere, como exemplo, um pai exigente, metuculoso, carinhoso e presente na vida do filho. Tal pai acompanha atento a rotina do garoto: sabe em que dia fará provas na escola, acompanha o filho no torneio de tênis, programa atividades de lazer, confere e ajuda o menino nas lições que a escola passou para casa, escolhe as roupas que precisa comprar e vestir, confere as rotinas de cuidados diários: banho, escovação de dentes, organização das roupas no quarto etc.

Ao lado disso, elogia o filho por bom desempenho, o orienta para se desempenhar cada vez melhor, o beija, o abraça, o acompanha até a cama na hora de dormir, acordando e o leva para as partidas de tênis, leva-o e vai buscá-lo nas aulas de inglês... Sempre se mostrando interessado e estimulando o filho a fazer bem feito e melhor! Está descrita uma complexa interação entre pai e filho na qual prevalecem as contingências de reforçamento aversiva; cobra-se bom e melhor desempenho, as atividades são, provavelmente reforçadoras para o pai, não necessariamente para o filho... E não se pode negar que há abundância de atenção vinda do pai, porém que função ela tem para o menino? A interação fica ainda mais difícil para ser analisada, uma vez que o filho pode repetir: “Meu pai... dedica todo seu tempo livre para mim”; “Meu pai me ama muito; dá mais importância ao que eu faço do que aquilo que ele gostaria de fazer”; “Meu pai quer o melhor para mim e me corrige, pois sabe que a vida premia os melhores e mais capazes!... Não custa alertar que tais frases são, mais provavelmente, verbalizações da classe de intraverbais (aprendidas com o pai, a mãe...) e não tatos verbais puros sobre o que pensa e sente. Adicionalmente, podem existir evidências operantes e respondentes públicas produzidas por tais contingências de reforçamento. Assim, o garoto fica muito ansioso às vésperas de provas: dorme mal na noite anterior, repete que tem medo de esquecer, na hora da avaliação, o que aprendeu nos treinos de tênis seu desempenho cai em relação ao que é capaz de jogar nos treinos e perde nas eliminatórias; é traído nas interações sociais com os colegas de escola: mantém-se isolado, não gosta de participar de festas de aniversários, nem de viajar em excursões escolares; tem dificuldades para tomar iniciativas e de expressar o que gosta de fazer, para onde prefere ir, o que comer etc. Em suma, a atenção socioafetiva é comportamento emitido sob controle do que é mais reforçador positivo para o outro, em benefício desse outro, sob parâmetros amenos (reforço positivo intenso gera desconforto, ansiedade e inibe sentimentos e comportamentos de liberdade). A atenção social e comportamento emitido sob controle do que é reforçador para o agente que dá atenção, insensível às particularidades aversivas que seu comportamento tem para aquele à quem a atenção é dirigida. Adicionalmente, a atenção social pode estar sob controle das consequências sociais, que o comportamento atencioso produz, vindas de pessoas que são socialmente significativas para ele. Assim, é importante – no caso ilustrado do pai – que digam para ele é um pai “maravilhoso”, que privilegia tem o filho dele por tê-lo como pai, até mesmo os comentários da esposa “não é um bom marido, mas devo admitir que é um pai excepcional.